

Apostar na **competitividade e na sustentabilidade do morango** em Portugal

MARIA DA GRAÇA PALHA

Instituto Nacional de Investigação Agrária e Veterinária (INIAV, I.P)

INTRODUÇÃO

Portugal é, desde os anos 70 e 80 do século passado, um consumidor por excelência de morango. Desde há muito que o fruto é apreciado, fazendo parte da dieta portuguesa. Inicialmente era uma fruta de verão consumida durante um curto período pelas suas características ímpares de sabor e aroma, acessível apenas a uma faixa de consumidores com algum poder económico. Posteriormente, a maior disponibilidade do fruto durante quase todo o ano, bem como a descoberta das recentes propriedades funcionais e dietéticas, fizeram disparar o consumo deste pequeno fruto. Desde 2000 que a área de produção nacional tem vindo a estagnar. Todavia, o consumo não abrandou e é notório o aumento da importação de morangos, de ano para ano. Em 2018, o consumo nacional superou as 24 600 toneladas (GPP, 2019 a).

«O aumento do número de programas de melhoramento do morangueiro a nível mundial e o desenvolvimento de distintas técnicas de cultivo adaptadas a diferentes regiões agroclimáticas, conduziram à expansão da cultura do morango a nível mundial»

Ao contrário dos outros pequenos frutos, os morangos são bem conhecidos dos produtores, dos distribuidores e dos consumidores. Quais as

razões do desinteresse por esta cultura? Em quê apostar para valorizar e reerguer esta cultura? Neste artigo, faz-se um ponto de situação da cultura a nível mundial e nacional e lançam-se alguns desafios e estratégias com vista a aumentar a competitividade do setor e que garantam, em simultâneo, a sua sustentabilidade ambiental, social e económica.

SETOR MUNDIAL EM EXPANSÃO

O aumento do número de programas de melhoramento do morangueiro a nível mundial, disponibilizando cultivares mais produtivas e de melhor qualidade, e o desenvolvimento de distintas técnicas de cultivo adaptadas a diferentes regiões agroclimáticas, conduziram à expansão da cultura do morango a nível mundial. Nas últimas quatro décadas, a área de produção mundial aumentou consideravelmente, situando-se, atualmente, nos 404 mil hectares que correspondem a uma produção de mais de 9,3 milhões de toneladas de frutos. O notório crescimento ocorreu nos anos 90 do século passado, quando a área de produção se expandiu nos EUA, no México, China e Japão e para outros países de clima mediterrânico, como a Espanha e Itália, e mais tarde a Turquia, Egito e Marrocos. A nível mundial os dez maiores países produtores de morango são China, EUA, México, Egito, Turquia, Espanha, Coreia do Sul, Polónia, Rússia e Alemanha (FAOSTAT, 2020).



A Ásia e a América produzem cerca de 75 % da produção mundial, respetivamente com 50 e 25 %. Na Europa, a indústria de morango sofreu alterações, com uma acentuada redução do peso na produção mundial, de 32 % em 1997 para 18 % em 2017. África e Oceânia produzem apenas 7 % da produção mundial. O consumo mundial do morango continua com tendência a aumentar anualmente. Na qualidade do fruto, para além das características físicas e químicas que conferem um grau de sabor/aroma peculiar, juntam-se as qualidades nutricionais e funcionais do fruto, às quais o atual consumidor se tornou atento e exigente.

BREVE ANÁLISE DO SETOR NACIONAL

Desde há muito que o cultivo do morangueiro se pratica em Portugal. Na década de 80 do século passado, a cultura teve um crescimento muito rápido e nos anos 90 encontrava-se no auge da sua expansão, particularmente com destaque nas regiões do Ribatejo e Oeste, Alentejo Litoral e Algarve, destinando-se uma parte significativa da produção para o mercado externo. Posteriormente, a área de produção foi decrescendo gradualmente e desde 2000 tem-se mantido estacionária. Em 2018, a área total ocupava 323 ha e o volume de produção foi de 10 628 t.

As principais áreas de produção do morango convencional são o Oeste, o Ribatejo e a Península de Setúbal, na região de Lisboa e Vale do Tejo. Mais a sul, são o Alentejo Litoral e o Algarve e no Norte, a principal área é Alfândega da Fé. A Beira Litoral constitui a principal região de produção de morango biológico (GPP, 2019 b). A estrutura produtiva é dominada por produtores de pequena e média dimensão focados essencialmente no mercado nacional. Existe, no entanto, um número de produtores de maior dimensão, com um peso significativo na fileira do produto, possuindo estruturas empresariais bem implementadas, em que parte da produção é para exportação.

O morango consumido é praticamente todo importado de Espanha. Todos os anos, as importações aumentam, tendo atingido 32,8 milhões de euros, em 2018 (GPP, 2019 a). O valor

das exportações tem variado entre 10 e 13 milhões de euros e a Espanha, os Países Baixos e o Reino Unido são os principais compradores. Por diversas vezes foram já relatadas as razões do decréscimo da área de produção do morango. Para além da forte concorrência de Espanha (95% do volume importado tem origem neste país), os custos de produção mais elevados em comparação com os países concorrentes (fatores de produção, energia e combustível), as dificuldades no recrutamento de recursos humanos indiferenciados e na sua contratação de curto/muito curto prazo são algumas das razões apontadas (GPP, 2019 b). A desvalorização do preço do morango em comparação com o dos outros pequenos frutos, como a framboesa e o mirtilo, e as curtas margens brutas obtidas levaram muitos produtores de morango a reverterem as suas explorações para as culturas de amora, framboesa e mirtilo (Palha, 2018). A inconstância da produtividade das cultivares devido à instabilidade climática, à falta de qualidade da planta de viveiro, por vezes, e à inadequabilidade da cultivar à tecnologia de produção têm levado ao desinteresse dos produtores pela cultura.

Apesar das dificuldades que o setor de morango atravessa, existem uma série de pontos fortes que a cultura do morango apresenta, que podem reverter esta situação: capacidade produtiva instalada em algumas regiões; conhecimento técnico da cultura; condições climáticas (outonos e invernos amenos no Alentejo Litoral e Algarve e verões amenos no Oeste e Centro Litoral) favoráveis à produção de morango precoce e fora-de-época, correspondente à época em que o fruto é mais valorizado e com pouca oferta no mercado; e procura crescente do fruto nos mercados de exportação e nacional com grandes margens de crescimento (Palha, 2020).

A nível mundial existem centenas de cultivares de morangueiro, envolvendo mais de 40 programas de melhoramento, públicos, semiprivados e privados. O principal enfoque, para além da maximização da produtividade e alargamento do período de produção, tem sido a precocidade da produção, resistência a pragas e doenças e a qualidade do fruto.

O setor nacional do morango depende exclusivamente de cultivares estrangeiras e dada a grande diversidade de material vegetal existente nas empresas viveiristas, por vezes, é difícil a sua escolha. As que melhor se adaptam às condições ambientais portuguesas são as cultivares com baixas necessidades em frio. Na produção, são utilizados dois tipos de cultivares de morangueiro, consoante os hábitos de floração e de frutificação das plantas: de dias-curtos (DC) que florescem quando o fotoperíodo é inferior a 14h, ou seja, no final de verão e no outono ou a temperaturas inferiores a 15 °C; e as indiferentes (ID) ao fotoperíodo que podem florescer em qualquer altura do ano.

No mercado nacional de produção, continuam a prevalecer as cultivares dos EUA (nomeadamente da Universidade de Califórnia, da Universidade de Flórida, PlantScience e Driscoll's), de Espanha (Planasa/Inotalis, Fresa Nuevas Materiais, entre outros), da Holanda e da França.

A qualidade da planta de viveiro é um fator crucial para o estabelecimento adequado e sucesso da cultura. A indústria viveirista é uma atividade económica relevante e altamente especializada, mas nem sempre acompanhada pela produção de plantas com qualidade (sanitária e vegetativa). A garantia do estado sanitário das plantas é dada pela sua certificação e a qualidade vegetativa está associada a vários aspetos fisiológicos

da planta (Palha, 2020). Hoje em dia, existe no mercado uma gama diversificada de material vegetal que se adequa a diferentes tipos de tecnologias. A maioria dos viveiros está especializada na produção de plantas, desde as de raiz nua aos diferentes tipos de plantas de raiz protegida. A sua eleição estará condicionada pelo objetivo comercial da produção, da época de plantação e da tecnologia de produção.

«O setor nacional do morango depende exclusivamente de cultivares estrangeiras e dada a grande diversidade de material vegetal existente nas empresas viveiristas, por vezes, é difícil a sua escolha»

A cultura do morango continua a ser feita predominantemente no solo, mas a produção em cultura sem solo tem vindo a crescer (em substrato e em hidroponia). Com efeito, as vantagens deste sistema como a supressão das operações de mobilização e desinfeção do solo e dos herbicidas, a maior economia da água de rega e de fertilizantes e maiores rendimentos da cultura por unidade de área têm levado muitos produtores a optarem por este sistema de produção. Recorrendo a diferentes tecnologias de produção e cultivares, a produção do morango é praticável durante todo o ano (Palha, 2020). O período de maior oferta ocorre na primavera e corresponde à época de produção. A produção fora de época refere-se à produção de verão, outono e início de inverno, quando a oferta é mais escassa e o fruto é mais valorizado, permitindo um maior retorno financeiro ao produtor.

DESAFIOS E ESTRATÉGIAS

Devido às taxas de consumo crescentes, é perceptível a importância do morango para a população portuguesa e mundial, havendo uma excelente oportunidade para o setor crescer e exportar mais e, adicionalmente, para equilibrar a balança comercial nacional. Assim, aumentar a área e volume de produção do morango nacional tem pleno cabimento neste enquadramento.

Ao nível tecnológico

Para aumentar a competitividade da cultura ao nível tecnológico, a implementação de tecnologias que conduzam à produção de frutos fora de época é uma delas. Portugal, pela benignidade do clima, poderá competir com tecnologias mais económicas face às outras regiões da Europa, que só o conseguem fazer com tecnologia sofisticada e com custos mais elevados. Esta estratégia justifica-se pela maior valorização do fruto devido à pouca oferta no mercado de exportação. Um exemplo é a tecnologia com plantas **tray** frigoconservadas de cultivares DC para produzir frutos no outono e inverno na região do Algarve e que tem obtido bons resultados (GO – Competitive South Berries). A tecnologia com plantas frigoconservadas de cultivares ID plantadas na primavera para obtenção de frutos no verão e início de outono é outro dos exemplos bem-sucedidos na região do Oeste Litoral.

Na cultura em solo, a substituição progressiva do plástico convencional por materiais biodegradáveis e o uso de substratos alternativos à turfa na cultura em substrato representam desafios, tendo em vista a sustentabilidade ambiental dos sistemas de produção. No primeiro caso,

pode ser um fator limitante devido aos maiores custos dos plásticos biodegradáveis.

De modo a aumentar o conhecimento na fileira do morango é vantajoso promover mais ações de formação profissional e de cariz mais técnica (tipos de plantas, variedades, tecnologias, rega, fertilização, entre outros) para os jovens produtores.

Do ponto de vista tecnológico, a irregularidade do clima, agravada pelas alterações climáticas, aumenta o risco da perda da produtividade e da qualidade do fruto, pelo que o recurso à cultura protegida é outra das estratégias a adotar. Em cultura protegida, geram-se condições de proteção da planta contra as intempéries (chuva, granizo, geada, entre outros), para além de se criarem

condições mais favoráveis ao crescimento e desenvolvimento da planta, possibilitando antecipar a colheita de frutos entre três a quatro semanas.

A aposta na produção em Modo de Produção Biológico é outra estratégia, tendo em conta à crescente procura pelo mercado externo para este tipo de produtos.

Ao nível organizacional e comercial

Para manter o setor do morango em crescimento é importante apostar na inovação e nas parcerias entre a produção e a distribuição, através da promoção pela diferenciação. A qualidade dietética do morango está ligada ao seu valor nutricional (são ricos em vitamina C e em vários minerais como potássio,

fósforo, cálcio e magnésio) e à qualidade funcional pela sua riqueza em compostos fenólicos, tais como antocianinas e elagitaninos, que contribuem para a prevenção do cancro, doenças cardiovasculares e outras doenças crónicas.

Os grandes consumidores do morango português encontram-se maioritariamente em países como Espanha (50 %), Países Baixos (21,1 %) e Reino Unido (15,8 %), e em menor escala em França, Bélgica e Suécia (GPP, 2019 a). Nestes mercados, estes frutos são vistos como essenciais na dieta e como alimentos saudáveis, daí ser importante a definição de uma estratégia forte de comercialização.

O reforço da organização da produção e comercialização, com a participação mais

ativa da produção na cadeia de valor e aumento do seu poder negocial, são medidas fundamentais a ter em conta. A nível comunitário, o Regulamento (UE) nº 428/2019 da Comissão (com alterações no Regulamento nº 543/2011) define as novas regras de comercialização para as frutas e hortícolas, nomeadamente para o morango (GPP, 2019 b). [9](#)

BIBLIOGRAFIA

- FAOSTAT (2020). <http://www.fao.org/faostat/en/#data>
- GPP (2019 a). <https://www.gpp.pt/index.php/produtos/produtos>
- GPP (2019 b). Fichas de Produtos Estratégicos. Morango, 2 p.
- PALHA, M.G. (2018). GO-CompetitiveSouthBerries: aumentar a competitividade do morango na região sul. Pequenos frutos 22: 8-9.
- PALHA, MARIA DA GRAÇA (2020). Cultura do Morango no Solo e em Substrato. Quântica Editora – Conteúdos Especializados, Lda., Porto, 222 pp.